

CONCLUSÃO GERAL

Na introdução a esta dissertação enunciámos um conjunto de questões que nortearam a nossa investigação. Não temos a veleidade de pensar que encontramos respostas para todas elas até porque a reflexão que fomos fazendo levantou-nos um outro conjunto de questões a que, por força do âmbito do nosso trabalho, não foi possível dar resposta.

Recordemos então as questões que colocámos :

qual é a imagem que os professores têm de si próprios enquanto profissionais? Será que a imagem que têm do profissional professor é uma imagem que subsiste ao longo do tempo, que ultrapassa fronteiras e culturas ou será que a imagem se tem alterado e tem marcas que permitem a distinção de padrões linguísticos e culturais em si mesma?

o que pensam aqueles que interagem permanentemente com os professores – os alunos – qual a imagem que eles detêm do profissional professor? É de novo uma imagem que subsiste ou é uma imagem que se alterou, que tem marcas características dos países, das sociedades em que os alunos se inserem?

Começámos por aprofundar o conceito de representações sociais, que desde logo nasce na confluência de tradições sociológicas muito díspares. Tradições que olham a realidade social de prismas muito diversos, dando cada uma contributos relevantes para a compreensão da realidade social e do conhecimento dessa mesma realidade social. As representações sociais, que estão no âmago das imagens do professor, como forma de

pensamento social, como um conjunto de conhecimentos ou de saberes, como forma de ver o mundo, imagem, cultura, como atitude, emoção ou comportamento, como relação, comunicação, acção ou guia para a acção e como processo ou produto da sua própria construção.

O conceito de identidade permitiu-nos compreender que cada um de nós é um ser singular, diferente, mas ao mesmo tempo semelhante. Tem um projecto próprio mas também partilhado por outros. Como cada um de nós, é solitário, autónomo, tem liberdade de escolher, de decidir por si e ao mesmo tempo é capaz de ser solidário, de se integrar em grupos de pertença, de se identificar com outros em valores, crenças, atitudes, cultura, finalidades ou objectivos que os fazem mover. Como cada um é semelhante aos outros ao mesmo tempo que deles é totalmente diferente. Como cada um de nós é passado, presente e futuro. Como cada um de nós tem uma imagem de si que se foi, vai e irá construindo na constelação de interacções, feitas de olhares, comportamentos, confirmações, rejeições ou mesmo desconfirmações.

Ao aprofundar a forma como os professores são socializados profissionalmente, como estão no trabalho, como se constróem ao longo do tempo, do seu ciclo de vida profissional, percebemos melhor como as práticas pedagógicas e as culturas dos professores são consentâneas com a ideia de que o trabalho docente é uma forma de trabalho original porque se exerce nas relações que o professor estabelece com os alunos e que permite que professor e aluno sejam à vez sujeito e objecto das interacções que ocorrem entre si. Trabalho do professor que é criador de espaços de existência, de realização, de adaptação, de integração social, enfim, de construção de identidade.

Construção de identidade que se inscreve em ciclos de vida plurais, em práticas docentes, nas escolhas entre o ficar e o partir, nos gestos profissionais que se inscrevem na ou nas culturas que partilham com os outros, nas colaborações, nas formas de reagir

aos constrangimentos, nas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional, nas interações, nos valores, nas práticas, nas lideranças organizacionais.

E ao termos tomado consciência do papel que as representações, a identidade e a profissão professor têm na construção de cada um de nós, enquanto ser individual e social, quando analisamos as respostas dadas pelos professores e pelos alunos que inquirimos, encontramos indicadores de imagens semelhantes, ainda que com muitos matices, entre professores e alunos que vão desde o Norte até ao Sul do País.

A imagem que os professores têm do profissional professor é uma imagem positiva, bastante idealizada, talvez, quando se vêem a si próprios, um pouco mais consentânea com a realidade quando falam dos outros. A imagem que nos deram é a que corresponde a um profissional que se preocupa muito com ensinar bem, um pouco menos com abrir novos caminhos de aprendizagem e que usa muito mais materiais pedagógicos tradicionais do que recorre a materiais diversificados, que confirma e é confirmado pelos outros – os pares ou os alunos –, que assume ter uma atitude responsabilizante, utilizando por isso um tipo de liderança democrática.

É a imagem de um profissional que tem com os alunos uma relação próxima, acima de tudo profissional mas que não ignora a relação pessoal, que sabe gerir os espaços de sociabilidade quer dentro quer fora da sala de aula, que, em termos de cultura profissional, se divide entre o individualismo, no que se refere ao trabalho de sala de aula, e a colaboração com os pares para resolver problemas disciplinares.

De referir, contudo, que professores e alunos têm opiniões bastante diferentes relativamente ao que uns e outros consideram que os alunos apreciam ou não gostam de encontrar nas atitudes dos professores.

A partilha de opiniões que encontramos entre os nossos respondentes e que nos permitiu construir esta imagem do profissional professor, é similar à que encontramos

em estudos internacionais realizados nos anos 70 e, em boa parte, num estudo realizado em Portugal nos anos 90. As diferenças entre o nosso estudo e o realizado em Portugal por L. Torres, nos anos 90, pode decorrer do facto de este último ser um estudo de caso e, como tal, estar exclusivamente centrado sobre uma escola.

Os alunos que inquirimos deram-nos dos profissionais uma imagem positiva, não tão idealizada como a dos professores, com mais matizes, utilizando uma paleta de cores mais variada na imagem que têm dos professores. Também no que respeita à sua opinião ela é similar a estudos realizados um pouco pelo mundo ocidental entre as décadas de 40 e as de 90.

Esta similitude de opiniões entre professores e entre alunos em termos internacionais e ao longo do tempo permite-nos, ainda que não de forma absoluta, dar um início de resposta à questão que colocamos sobre a perenidade no tempo e no espaço da imagem do profissional professor. Independentemente do século, do país, da latitude em que nos encontrámos há traços que são recorrentes, há discursos que se parecem repetir. Gostaríamos de poder dizer que nos aproximámos do conhecimento do que constitui o núcleo central da representação do profissional professor, mas tal só será possível com a continuação de uma investigação que agora iniciámos e que esperamos prosseguir no futuro. Indícios temos, certezas ainda não.